

A SOMBRA QUE HABITA O FUNDO DO MAR DO INCONSCIENTE

Julia Duque Estrada

RESUMO: Este artigo busca contribuir para a reflexão sobre o processo de individuação a partir de uma leitura do filme *A Pequena Sereia*, inspirado no conto original de Hans Christian Andersen (1837). Parte da concepção de que, no profundo mergulho nas águas inconscientes, é preciso integrar as sombras, ouvir aqueles cantos (lugares esquecidos e autoexpressão) abafados no curso da vida. Interroga o que está nas raízes do silenciamento do feminino, o que passa necessariamente por questionar a dissociação /cisão estruturante da sociedade patriarcal.

Assistir à nova versão do filme “*A Pequena Sereia*”, que traz uma protagonista negra de cabelos trançados, é um convite à reflexão sobre os desafios do processo de individuação. Convite à mergulhar, como a sereia, encarar o inconsciente e emergir na consciência de que é possível ser único(a) e, ao mesmo tempo, parte de uma totalidade oceânica. Assistir ao filme, à luz da psicologia analítica, de Carl Gustav Jung, descortina outro olhar sobre a narrativa, baseada no conto original de Hans Christian Andersen (1837).

A história da sereia ruiva que trocou a própria voz por um par de pernas, a fim de caminhar pelo mundo “acima das águas”, afirmar-se como ser humano e, enfim, viver (n)o Amor, desperta diversos questionamentos: Do que você é capaz para se lançar na jornada da busca de si mesma(o) ? O que te diferencia da família, do reino (des)confortável da infância?

A narrativa toca em um tema estruturante da psicologia analítica: a necessidade de enfrentamento do processo de individuação: “O que eu faria / Se pudesse viver/ Fora dessas águas/ O que eu pagaria/ Para passar um dia / Aquecida na areia?”, cantarola a sereia, ainda no “fundo do mar” da infância e do inconsciente.

Outra perspectiva de leitura desse conto de fadas sublinha a busca por integração de um feminino banido, não escutado, subjugado no reino do patriarcado. Isso fica claro na personagem Úrsula, irmã do Rei Netuno-Tritão, figura que representa um feminino ressentido, porque renegado. Úrsula pode ser vista como imagem da sombra, aquela porção nem tão bela, imperfeita, que precisa ser integrada em cada um(a) de nós:

“De um lado, a persona corresponde ao nosso eu ideal, de outro, à nossa ideia de como os outros querem nos ver. Para sermos o mais vistosos possível, reprimimos os lados que não pertencem à nossa imagem “bela”, e isso se transforma então em “sombra”, entendida aqui como os lados que não podemos aceitar em nós mesmos e que não queremos assumir. Mesmo assim, eles fazem parte da nossa personalidade e, como tudo o que reprimimos, se manifestam de vez em quando mesmo contra a nossa vontade. (KAST, 2022, p. 13).

É justamente a partir do embate com esse aspecto sombrio que o ego, centro da personalidade consciente, torna-se mais flexível e alerta acerca da própria imperfeição. Na vulnerabilidade, os diferentes tornam-se semelhantes. É o que se passa com o patriarca Tritão, pai da sereia Ariel. Somente após encarar a irmã Úrsula, contraparte feminina confinada no submundo aquático “infernal”, que Tritão passa a escutar, verdadeiramente, o (en)canto – e a revolta -- de Ariel: “Aposto que na terra / Eles entendem / Aposto que eles não reprimem suas filhas / Moças brilhantes / Cansadas de nadar / Prontas para se erguer”, murmurava a pequena sereia, curiosa acerca do mundo de fora das águas, onde seria, quem sabe, mais livre e autônoma.

1. Silenciamento e (auto)expressão no patriarcado

Ao dar sua voz em troca de pernas para ir em busca do amor, Ariel nos fala da profunda dor de um feminino que, frequentemente, é silenciado, amordaçado, podado. “Os homens produziram discursos, apagaram os textos das mulheres e se tornaram os donos do saber e das leis, inclusive sobre elas. Tudo o que sabemos sobre as mulheres primeiro foi contado pelos homens. Da filosofia à literatura, da ciência ao direito, o patriarcado confirma a ideia de que todo documento de cultura que restou é

um documento de barbárie. Demorou para que as mulheres conquistassem o seu lugar de fala, o seu direito de dizer o que aconteceu, o seu direito de pesquisa e de memória. O feminismo se construiu a partir dessa conquista da liberdade de expressão”. (TIBURI, 2018, p. 22)

Assim, tal qual uma espécie de Medusa, com tentáculos envolventes e apavorantes, Úrsula personifica a figura da bruxa que mora na sombra da consciência patriarcal dominante.

“Medusa é o abismo da transformação, o enigma aparentemente caótico que a mulher parece ser para si mesma e para o homem desconsertado, que ela leva até o umbral do terror do imprevisível, do suposto vazio e depressão, da aniquilação: Seu modo de ser é o da sacerdotisa curadora, da artista inspirada e a da personalidade limítrofe errática e histérica, devoradora. É a (...) bruxa. Em sua melhor face, faz a conexão com o abismo, desafia e inspira. Seu reino deve ser periodicamente visitado por toda mulher, e toda alma, para sua renovação, assim como Inanna descendo até Ereshkigal” (WHITMONT, 1982, p. 160)

Tia da pequena sereia, Úrsula conseguia falar aos verdadeiros desejos de Ariel: “Minha querida e bela menina // É isto o que eu faço // É para isso que eu vivo// Para ajudar os infelizes seres do mar // Como você // Pobres almas que não têm a quem recorrer // Eu confesso que já fui muito malvada // Era pouco me chamarem só de bruxa”, alerta ela, personificando o reino de sombras que nos fala da morte, de sentimentos ditos “negativos” porque desconfortáveis (tais como raiva, inveja, ciúmes, paixões, cobiça).

Em *Feminismo em Comum*, Marcia Tiburi destaca que o patriarcado opressor sempre foi a verdadeira ‘ideologia de gênero’. “Nessa ideologia, os homens em geral sempre trataram as mulheres como incapazes para o conhecimento e o poder, como traidoras (o que é confirmado em mitos tais como o de Pandora e de Eva no Gênesis), como loucas e más (daí também a mística da mulher ou da moça boazinha), como se fossem animais domesticados para a força de trabalho e para o alimento sexual” (TIBURI, 2018, p. 23).

A partir dessa perspectiva, notamos que Úrsula e Ariel são como duas faces de um mesmo feminino que precisa ser escutado. O processo de individuação de Ariel parece reivindicar: O que você está disposta a perder para tornar-se si mesma? “A vida é cheia de escolhas difíceis, não é? // E ainda tem mais uma coisa // Ainda não falamos do detalhe do pagamento // Não se adquire uma coisa por nada”, ressalta a tia-sombra Úrsula, provocando a boa moça Ariel a ser menos ingênua.

Individuar-se é percurso doloroso, exige prontidão, escolha, responsabilidade. Nesse desafiante processo, é preciso assumir a própria diferença, muitas vezes à despeito das normas sociais, morais e religiosas vigentes. A consciência da sereia Ariel começa a se delinear a partir do mar de inconsciência, a partir dos passos das próprias pernas, da consciência sobre o valor da própria voz. A luta por recuperar a voz é a luta por afirmar a individuação, a despeito do pai, da tia, de todos.

"Na medida em que aumenta a diferenciação individual da consciência, diminui a validade objetiva de suas concepções (...) Para a maioria, a fim de que um ponto de vista seja válido, precisa colher o maior número possível de aplausos (...) Mas para uma consciência diferenciada já não é mais de todo evidente que sua própria concepção se aplique aos outros, e vice-versa" (JUNG, 1984 p 116).

Ao pactuar com Úrsula, Ariel torna-se humana. Vulnerável, falível, imperfeita, sem o seu canto de sereia. Somente ao confrontar Úrsula, igualmente, Tritão passa a ouvir o desejo da própria filha. E a tomar consciência de conflitos existentes quando se relega, ao submundo, tudo o que não se deseja enxergar. Somente ao encarar a irmã, Tritão passa a ver Ariel: não mais ingênua e dependente, mas sim como mulher que caminha pelas próprias pernas. No confronto com as sombras, feminino e masculino se abrem a um novo reino de mais integração, amor e respeito às diferenças.

Ao final da história, Ariel parece aprender que também do lado de fora do “ventre oceânico”, simbolizado pelo mar, nem tudo é beleza. Jung chama de projeção o mecanismo psíquico que nos faz ver, nos outros “de fora”, nossos próprios encantos

e receios: “O que significa uma projeção? Significa que projeto características em alguém ou encontro características que nem estão lá, que vêm de algum outro lugar, por exemplo, de mim mesmo [...] Quando podemos desfazer esse processo através da autoconsciência, centrando-nos novamente em nós mesmos, temos um critério seguro e assim sabemos: Por que razão me queixo sobre tal pessoa afirmando que ela não é confiável? Sei a meu próprio respeito que não o sou. (JUNG, 2021, p. 40-41)

A partir do contato com o mundo, Ariel passa a notar que tudo tem seu lado de luz e de sombra. “O encontro consigo mesmo significa, antes de mais nada, o encontro com a própria sombra. A sombra é, no entanto, um desfiladeiro, um portal estreito cuja dolorosa exiguidade não poupa quem quer que desça ao poço profundo. Mas, para sabermos quem somos, temos de nos conhecer a nós mesmos, porque o que se segue à morte é de uma amplitude ilimitada”. (JUNG, 2006, § 45)

A figura de Ariel e de Úrsula nos falam, portanto, da necessidade de colocar em diálogo persona e sombra, consciência e inconsciente. Da urgência de integração de um feminino simbolizado pela imagem arquetípica de figuras como Lilith (Úrsula), que desponta em Ariel: “Ela se recusa a ser mera terra para Adão. Ela quer a liberdade de se mover, de agir, de escolher e de decidir. Essas são as qualidades do feminino individualizado à medida que emerge da matéria inerte e passiva. (...) Para crescer e se desenvolver psicologicamente, uma mulher precisa integrar as qualidades de liberdade, movimento e instintividade de Lilith. (...) Ela não deseja igualdade e uniformidade no sentido de identidade ou fusão, mas os mesmos direitos de se mover, mudar e ser ela própria. (KOLTUV, Barbara, 2017, p. 44).

Nesta perspectiva, podemos refletir sobre a cisão ocasionada pela cultura patriarcal, dominada pela razão instrumental que compartimentaliza saberes, polariza corpo e alma, indivíduo e natureza, espírito e matéria, mulher-bruxa e mulher-mãe etc: “Com advento do patriarcado, o poder de vida e morte tornou-se uma prerrogativa do Deus masculino, enquanto a sexualidade e a mágica foram separadas da procriação e da maternidade”. (KOLTUV, Barbara, 2017, p. 27). Assim, o diálogo com Úrsula fala também da aceitação desse feminino exilado e ferido: “A amargura e o sentimento do

feminino rejeitado repercute o eterno grito de dor e raiva do feminino ferido”. (KOLTUV, Barbara, 2017, p. 43).

Na jornada da individuação, Ariel precisa recuperar e reafirmar a própria voz. Só assim, passa a ser possível a coexistência entre os reinos “de cima e debaixo d’água”, da consciência e do inconsciente. Nesta era de iminente desastre planetário, o canto de Ariel precisa ser ouvido. Mais ainda: o canto de Úrsula precisa ser ouvido e integrado.

“Todo arquétipo traz em si o bom e o mau, o que há de mais baixo e mais elevado, o que explica seus efeitos tão contraditórios [...] A meta terapêutica é permitir a realização do que o arquétipo possui de bom, válido e vivo, integrando-o à consciência. [...] Se um arquétipo não se realiza de modo consciente, o perigo de uma regressão maléfica é sempre crescente”. (JUNG, 2011, p. 72).

BIBLIOGRAFIA:

JUNG, Carl Gustav

____ Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. 27.ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

Edição Digital.

____ Presente e Futuro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021

____ Sobre sentimentos e a sombra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KAST, Verena. A sombra em nós. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

KOLTUV, Black Barbara. O Livro de Lilith: o resgate do lado sombrio do feminino universal. São Paulo: Cultrix, 2017.

TIBURI, Marcia. Feminismo em Comum. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018

WHITMONT, Edward. Retorno da Deusa. São Paulo, SP: Summus Editorial, 1982

Mestre em Literatura Brasileira (PUC-Rio), especialista em Psicologia Analítica, analista em formação pelo CEJAA, Linha de Pesquisa: Diálogos entre a Psicologia Analítica e Feminismo

Mestre em Literatura Brasileira (PUC-Rio), especialista em Psicologia Analítica, analista em formação pelo CEJAA, Linha de Pesquisa: Diálogos entre a Psicologia Analítica e Feminismo